

Um dia na Lisboa de hoje

Estamos no largo de Camões, carinhosamente apelidado apenas de “largo” e o ponto de encontro preferido dos lisboetas. Há gente a beber “a bica” aproveitando a luz clara da manhã na esplanada no Quiosque, um dos muitos que nos últimos anos têm sido reabilitados, povoando zonas estratégicas de Lisboa. No centro da praça ergue-se a estátua do autor d’Os Lusíadas. Entrando no Chiado, uma das zonas mais movimentadas da cidade, passamos pelo emblemático café lisboeta A Brasileira onde, numa das suas mesas, encontramos a estátua de Fernando Pessoa. Ouve-se música tocada em troca de moedas por grupos de jovens. Vêem-se estudantes, intelectuais, empresários, comerciantes e mendigos. No fim da rua Garrett, chegamos aos Armazéns do Chiado, espaço comercial com história, e descemos para o Rossio. Na rua do Carmo, encontramos um velho carro que vende discos de fado e preenche a rua de música. Pessoas bebem ginjinha, licor típico português obtido da fermentação da ginja. Descemos a rua Augusta acompanhando a sua azáfama comercial e apanhamos o 28, o eléctrico com o percurso mais bonito da cidade.

Saindo no miradouro de Santa Luzia, pode dar-se um saltinho ao Castelo de São Jorge ou continuar para a Graça. Aqui fica um miradouro com uma vista privilegiada sobre Lisboa: a Nossa Senhora do Monte. Estamos agora na zona mais popular de Lisboa e, descendo para Alfama, a vida de bairro é bem visível: as vizinhas falam à janela, as crianças jogam à bola nas ruas estreitas, as janelas têm roupa estendida e ouve-se fado pelas portas entreabertas; o fado de Lisboa, música de lamento e de saudade, cuja origem remonta às velhas tabernas de Alfama e da Mouraria. Podemos entrar numa tasca e comer uma açorda de gambas ou um bacalhau com todos. É também aqui que, em Junho, as casas se cobrem de cores e as ruas se enchem de pessoas a comer sardinha assada e a beber vinho para festejar os santos populares.

Sáimos do centro histórico de autocarro em direcção ao jardim da fundação Calouste Gulbenkian, instituição dedicada à arte e à ciência fundada em 1956. Vêem-se casais de namorados nos bancos, patos enchem o espaço com o seu grasnar e podemos visitar o Museu de Arte Moderna ou simplesmente perdermo-nos nos labirínticos carreiros do jardim. Para sentir o ambiente estudantil da cidade dirigimo-nos à

Alameda da Universidade, onde se situam os edifícios mais antigos da Universidade de Lisboa e onde circulam grupos de estudantes de livro debaixo do braço e sorriso nos lábios.

Voltando ao centro histórico, desembocamos no Martim Moniz, provavelmente o local mais multicultural de Lisboa; vêem-se árabes, indianos, chineses e africanos, ouvem-se línguas estranhas e podem comprar-se produtos dos quatro cantos do mundo. Mesmo ao lado fica a Praça da Figueira, onde apanhamos o 15 em direcção a Belém. Aqui podemos visitar a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, os Jerónimos ou uma exposição no Centro Cultural de Belém. O sol põe-se; sentamo-nos junto ao Tejo a admirar a miscelânea de cores no céu com um pastel de Belém acabadinho de fazer na mão.

É noite e voltamos, inevitavelmente, ao Largo de Camões. No Bairro Alto há de tudo para se jantar bem: comida típica, casas de fado, tascas e cozinha internacional. À nossa volta a oferta cultural é enorme: depois de jantar podemos ir ao teatro no S. Luiz, à ópera no S. Carlos, a um concerto no Zé dos Bois. A partir das onze, os jovens começam a invadir o Bairro Alto e a torná-lo quase intransitável; é que este é o “bairro”, a zona de excelência para sair à noite, com os seus milhentos bares e a sua diversidade imensa de pessoas. Podemos entrar no Catacumbas para ouvir um concerto de Jazz, sentarmo-nos no Loucos e Sonhadores para um ambiente mais intimista ou, se o tempo o permitir, ir para o miradouro de S. Pedro de Alcântara ver as luzes de Lisboa. Às 3, quando o bairro fecha, há um rio de pessoas que se direcciona para o Cais do Sodré, para ouvir rock no Jamaica ou drum’n’bass no Europa. Em alternativa há as muitas discotecas da 24 de Julho. No fim da noite, quando o sol já se quer levantar, forma-se uma imensa fila de pessoas em busca de sopa e pão com chouriço no Caldo Verde, em Santos. Resta-nos recuperar energias para o dia seguinte.

Inês Pintassilgo